

Adélia Prado – Nem um verso em dezembro

Não quero nunca desejar a morte,
a não ser por santidade, como a chamou Francisco: irmã.
É quase 25 e nem um verso.

Movo as pernas sem conter meus quadris,
como deveria ter feito a vida toda,
pra conquistar o mundo.

Borboletinhas pardas, ciscos, seixos, gravetos,
água de sabão escapando do muro, duram ofertados
enquanto percorro o bairro,
a menina me olha do alpendre ladrilhado
e nem um verso.

Eu primo na minha obra porque é tudo que tenho.
Na casa de três cômodos, de terreirinho escorrido,
a vida é ruim, a alma fica gemendo: ô vida.

Desguio dali uma ideia de suicídio
que paira sobre o telhado junto com a antena do rádio,
mas a ideia volta, e nem um verso.

Preciso me confessar ao homem de Deus:
cometi gula, ansiei pelo detalhe das fraquezas alheias
e mesmo tendo marido explorei meu corpo.

Nem um verso em dezembro, eu que para isso nasci e vim
ao mundo.

Minha alma quer copular.

Os magos passam de jato, a estrela se esconde,
chove torrencialmente no Brasil.

Adélia Prado, O coração disparado